

## **Matadores (de) formações sócio-discursivas de pistoleiros**

Ricardo Henrique Arruda de Paula<sup>1</sup>

### **Introdução**

Segundo alguns autores, estamos na “era do testemunho” (Wieviorka, 1998<sup>2</sup>). Ricoeur<sup>3</sup> diz que o crédito outorgado à palavra do outro faz do mundo social um mundo intersubjetivamente compartilhado.

O ato de testemunhar, sem querer aprofundar nas variações e definições que cercam esse termo, é o recurso dialogal que torna viável a possibilidade de recuperar a palavra e com ela as versões e as estratégias de manipulação da realidade e das “identidades sociais”<sup>4</sup>.

O presente texto é produto de 5 (cinco) anos de pesquisa realizada no Estado do Ceará, com o testemunho de pessoas que, direta ou indiretamente, tiveram contato com o crime de pistolagem. Durante esse período o trabalho de campo construiu seus referenciais baseando-se em relatos orais na forma de histórias de vida e autobiografia e no espaço da memória revelada e resignificada através de narrativas.

Explorando todo o universo narrativo contido no campo dos crimes por encomenda, a pesquisa procurou contribuir para o estudo dos valores e códigos construídos no âmbito sócio-cultural da pistolagem, bem como do processo de constituição e de auto constituição discursiva da personagem pistoleiro.

Nesse sentido, a ênfase desta análise incide sobre as formas construtivas do personagem pistoleiro, visando avaliar as diversas maneiras como o matador de aluguel é percebido (pela mídia, polícia, justiça, literatura e senso comum) e como ele, através de suas narrativas visa justificar suas ações criminosas e, sobretudo como se reinventa a partir de suas histórias de vida.

### **Manipulações e reconstruções de uma identidade social**

Notícias muito antigas de crimes de morte com características de pistolagem no Estado do Ceará, não traziam a descrição da notícia do crime da forma inequívoca, com

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia (UECE), Mestre em Direito (UFC), Doutor em Sociologia (UFC), com estágio doutoral na Universidade Lyon 2, pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC) e bolsista pós-doutor júnior (CNPQ) no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT).

<sup>2</sup> Annette Wieviorka, *L'ère du témoin*, Paris, Plon, 1998.

<sup>3</sup> *La memoria, la historia, el olvido*, Madrid, Editorial Trotta, 2003. Ainda sobre este tema, remeto o leitor a Elizabeth Jélin, *Los trabajos de la memoria*, Madrid, Siglo XXI, 2002.

<sup>4</sup> Erving Goffman, Rio de Janeiro, LTC, 1988.

a descrição e a qualificação do fato do modo como vemos hoje em dia. Se vasculharmos os jornais cearenses do século XIX e mesmo muitos do século XX, encontraremos crimes que o identificaremos como pistolagem, a notícia nos permitirá reconhecer, também a figura do pistoleiro, talvez, até mesmo, a do mandante, contudo o fato não estará tratado, logicamente, configurado com a linguagem que existe nos jornais da atualidade. E isso não se restringe aos jornais, pois estará presente, também, nos processos judiciais, nos inquéritos policiais e em livros cearenses sobre o “banditismo”, escritos no início do século XX.

Do mesmo modo, encontraremos na linguagem ficcional o personagem pistoleiro, muitas vezes, incorporado em outros personagens. Cabe, portanto, também na literatura, uma leitura interpretativa, um olhar específico, tentando identificar a pistolagem e o personagem pistoleiro.

Uma importante fonte que se aliou, durante esta pesquisa, às demais aqui mencionadas, foram as memórias que são reveladas nas histórias de vida. Estas nos permitem aprofundar e conhecer densamente o personagem pistoleiro e ao fenômeno da pistolagem. As narrações alargam o universo de compreensão do pesquisador e levam-no ao exercício de remontar e recontar as histórias que ouviu durante o período de campo.

Neste trabalho, entre as fontes de que me vali, privilegiei os relatos orais de histórias de vida, como fonte que me permitiram obter um conhecimento mais detalhado da interação dos processos mentais individuais e as relações sociais.

As histórias de vida me permitiram, por exemplo, ler e analisar o pistoleiro, não tão só como os “outros” o vêem, mas, também, como ele se vê. Resumidamente, as histórias de vida me possibilitaram compreender como distintos planos da realidade, como múltiplas dimensões do real, em seus mais variados sentidos, vivem juntos dentro de um mesmo indivíduo<sup>5</sup>.

Segundo a lembrança de alguns dos meus interlocutores considerados pela mídia, polícia, justiça e população como os mais antigos pistoleiros do Ceará, até a década de 1960 o pistoleiro era conhecido, pelos habitantes do sertão do cearense, pelos termos de “cangaceiros” ou “jagunços”. De acordo com os mesmos informantes, até

---

<sup>5</sup> Ver, neste sentido, Edgar Morin, *O homem e a morte*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.

mesmo durante a década de 1980 algumas pessoas se referiam a pistoleiros como “jaguços”.

A partir de 1970, o termo pistolagem passa a ser freqüente, principalmente, nos meios de comunicação em massa. Há, inclusive, a partir dessa década, um “abuso” por parte da imprensa no farto emprego da palavra.

Verificando matérias jornalísticas a partir do ano de 1890, bem como a literatura a partir do mesmo período, encontramos o personagem pistoleiro identificado por “sicário” e “cangaceiro” aparece para denominar criminosos que são usados para “eliminar desafetos” dos “antigos chefes do interior” cearense (Jornais, O Cearense, 07/02/1890 e O Povo, 18/07/1928).

Na literatura encontramos os vocábulos pistolagem e pistoleiro com outros registros, por exemplo, cangaceiro, jaguço, capanga e guarda-costas. Nesse sentido, Barreira<sup>6</sup> afirma: “No final do século passado e começo deste, os executores de ‘serviços’ eram conhecidos por ‘capangas’ ou ‘jaguços’”. Estes executavam seus “trabalhos” a mando “dos grandes proprietários de terra”.

Sobre a questão do pistoleiro no tempo de Lampião, Mello<sup>7</sup> defende o argumento de que tanto Lampião quanto os outros cangaceiros do seu tempo encarregavam pistoleiros para matar desafetos. E exemplifica:

Em pesquisa, não foram poucas as vezes em que nos deparamos com referências a esse emprego de pistoleiros por parte de Lampião. De Lampião e de cangaceiros em geral. No Cariri cearense ainda hoje há quem sustente que a misteriosa morte do “coronel” Isaías Arruda, chefe político de Missão Velha, em 1928, no momento em que o trem em que viajava se detinha na estação de Aurora, tenha sido obra de Lampião, com quem se desaviera no ano anterior, logo após o desastre de Mossoró...

Seguindo o mesmo texto, Mello (*Opus cit.*) descreve que uma das diferenças entre o cangaceiro e o pistoleiro era de que o cangaceiro era “carnavalesco” em seus trajes (o colorido das roupas, o chapéu de couro grande, os bornais, muitos objetos marchetados de ouro e prata); outro destaque que o autor faz, é em relação ao ataque inconfundível do cangaceiro, que chamava a atenção, ao passo que a discrição é a maior vantagem do pistoleiro, que age em surdina, se valendo da sutileza. Enquanto um, o

---

<sup>6</sup> César Barreira, Crimes por encomenda, violência e pistolagem no cenário brasileiro, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.

<sup>7</sup> Frederico Pernambucano de Mello, Guerreiros do Sol, Recife, Editora Massangana, 1985.

cangaceiro, não passa despercebido, o outro, o pistoleiro, tem por obrigação não chamar atenção: “Salta aos olhos que o que sobeja no pistoleiro em sutileza e discrição, falta por completo no cangaceiro, opondo-se os dois tipos, sob esse aspecto, na medida em que o velado se opõe ao ostensivo mais colorido e barulhento” (*Opus cit*).

Oliveira<sup>8</sup> (1970:364-6) descreve que, na época do cangaço, havia dois tipos de bandidos: “Bandidos profissionais, sanguinários, e bandidos mansos que nunca participaram de combates em bandos armados...”. E, continuando, ela descreve o pistoleiro:

Na época atual, encontramos três tipos: Os pistoleiros, bandidos que mudaram o nome, matam de emboscada em automóveis, cometendo crimes por questões de honra, de terra, ou política. Esse tipo de cangaceiro ainda existe em grande número.

Amparados por poderosos mandantes de crimes, surgem os pistoleiros profissionais.

Eram antes conhecidos por “cabras”, “capangas” ou “guarda-costas”. O pistoleiro atua nas cidades e nas fazendas. É um indivíduo que mata para ganhar dinheiro. Não é homem de lutar, peito a peito, nem para tiroteios. É perigoso, traiçoeiro, astuto, covarde. Atua de tocaia e consegue evadir-se com facilidade. Executa crimes premeditados.

Esses relatos situam o pistoleiro ainda ligado ao sertão, que pode ter sido chamado, também de “cangaceiro” e o personagem pistoleiro que segue, aquele que tem seu raio de atuação no “asfalto”, o “pistoleiro urbano”, definição que recolhi no trabalho de campo.

Constatei ainda a formação de algumas dicotomias para definir o pistoleiro e situá-lo historicamente: passado/presente, moderno/antigo e capital/interior e em alguns relatos orais, evidenciam a mudança comportamental que sofreu o personagem pistoleiro, como também as continuidades. Segundo três delegados de polícia entrevistados, o “pistoleiro moderno” tem hábitos semelhantes aos do “pistoleiro antigo”, como por exemplo, “gosta de vaquejada, é ligado também ao gado e gosta de forró”, salienta um dos policiais entrevistados, “Tem pistoleiro que vem correr vaquejada com prisão preventiva decretada”

---

<sup>8</sup> Aglae Lima Oliveira, Lampião, cangaço e Nordeste, Rio de Janeiro, Edições O Nordeste, 1970.

Observei, também, ao longo do trabalho de campo, que entre os meus entrevistados e mesmo entre as pessoas com quem “somente” conversei a respeito da formação social do pistoleiro, um ponto em comum se sobressaiu por ser recorrente no decurso desse processo; refiro-me à gradativa adesão dos atores sociais participantes, desde a infância e ou adolescência, a valores, sentimentos e representações ligados, conceitual e culturalmente, ao universo masculino.

São valores, sentimentos e representações que sinalizam para uma produção de sentidos e significados da masculinidade, e que podem ser percebidos, com relativa facilidade e com maior ou menor grau de intensidade no interior do Estado do Ceará, mormente no sertão.

Ensina-nos Bourdieu<sup>9</sup> que a ordem social tende a se estruturar e fazer suas divisões alicerçadas na visão que ela tem do mundo. Ou seja, a divisão social decorre da visão social. No interior do Ceará, os valores, sentimentos e representações gravitam ainda, de forma enfática, em torno do ponto de vista masculino.

Dessa forma, os valores, sentimentos e representações ligados à construção dos protagonistas envolvidos no processo de formação social de matador de aluguel, perpassam pela incorporação e reprodução da visão masculina do mundo, e, portanto, da dependência desses atores sociais à pedagogia da virilidade e da violência.

Desse modo, processualmente é embutido em cada um desses agentes sociais implicados no processo de formação de pistoleiro, códigos comportamentais comuns a todos os envolvidos, com padrões de conduta que revelam e indicam o pertencimento deles a um universo social masculino em detrimento do feminino.

Nessa perspectiva, os jovens do sexo masculino que são atraídos pelo mundo da pistolagem, desde muito cedo aprendem, por exemplo, a nutrir admiração por armas (de fogo e brancas). Eles capacitam-se – na grande maioria das vezes com ajuda de terceiros interessados em utilizar-se desses jovens no cometimento de assassinatos – e familiarizam-se com a presença delas na vida cotidiana, como um símbolo de masculinidade.

Anotei algumas frases que escutei durante o trabalho de campo no interior do Estado: “Homem que é homem só sai de casa com o berro na cintura”; “Menino para ser

---

<sup>9</sup> Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

macho tem que aprender a pegar no cabo da enxada ou no da espingarda”; “Antes do menino aprender a falar, ele tem que aprender é a atirar para ser macho”, entre outras.

De modo que o uso assíduo de armas é discursivamente justificado dentro do universo social masculino formador do pistoleiro, além de ser um mecanismo estrutural de integração que reveste, produz e reproduz esse personagem. A estrutura da personalidade desses atores molda-se a partir de uma estrutura social que não acredita no Estado como “monopolizador exclusivo do uso da violência física”<sup>10</sup> (Elias, 1993/1999a, Weber, 1999) nem muito menos aceita submeter-se à Justiça, com suas leis de caráter universal e, portanto, supra-individuais.

O uso de armas e a familiarização com elas (tanto para a autodefesa, no uso da violência letal e resolução de conflitos), é parte do processo de construção do pistoleiro, que se soma à exaltação das categorias da honra, valentia, coragem, virilidade etc., atribuídas, ainda hoje, em algumas regiões – principalmente no interior do Estado, como já foi mencionado aqui – como sintomáticas ao gênero masculino. Em contrapartida, esse mesmo processo incentiva o desprezo e aversão aos comportamentos e sentimentos referentes à fraqueza, prerrogativa tida, também ainda em muitos locais no interior do Ceará, como uma característica do gênero feminino.

A legitimação desses valores, sentimentos, símbolos sociais normatizados e estruturados pelos atores sociais relacionados, encontram apoio e em uma estrutura social tolerante com a prática da violência na regulação de relações sociais e na associação que é feita desta com a virilidade.

Dessa forma, há o encorajamento dos atores sociais envolvidos no processo de formação do pistoleiro, ao uso recorrente de práticas agressivas de acordo com a demanda de alguns grupos sociais que nutrem, mantêm e dão, portanto, significados positivos a essas condutas.

Nesse aspecto, as questões relativas à violência e virilidade perpassam toda a formação social do pistoleiro; sua personalidade é construída e calcada a partir da legitimação individual do uso da violência letal com a finalidade, sobretudo, de atender os interesses particulares de determinados segmentos da sociedade.

---

<sup>10</sup> Max Weber, *Economia e sociedade*, vol 2, Brasília, Fundação Universidade de Brasília, 1999 e Norbert Elias, *O processo civilizador*, vol 2, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

Essas características levam a um universo social hierarquizado, constituído com base em uma nítida divisão entre o masculino e o feminino (ou divisão dos sexos e divisão do trabalho a partir da divisão dos sexos) e com respaldo (que é o mais importante), logicamente, nas regras estabelecidas e impostas pelo masculino.

Uma das conseqüências dessa organização social que prioriza as relações de subordinação e dominação, é, se formos pensar baseado no estudo deixado por Bourdieu sobre “A dominação masculina”, a valorização atribuídas pelos homens para as tarefas desempenhas por eles, ao passo que as tarefas atribuídas às mulheres são vistas, na visão masculina, como de menor complexidade, “inferiores”, “íngratas” e “mesquinhas” (*Opus cit.*, p.44).

Difícil explicar o “ser homem” na dimensão contemplada pelo matador e a forma como essa categoria repercute na vida social, pois a expressão é liberalmente utilizada tanto na linguagem cotidiana deles quanto na de policiais. Ao mesmo tempo, ela se confunde com ampla variedade de modos de conduta.

O “ser homem” aparece, contudo, nos relatos como uma forma social e representativamente identitária, uma construção discursiva que identifica o matador com base num universo social, pessoal, simbólico e de visões de mundo e interações sociais, onde ele assume e exerce o papel social de uma espécie de “homem de honra”, conforme escutei em alguns relatos.

É motivo de orgulho e de vaidade entre os matadores de aluguel, quando dizem que cometeram tais e tais crimes em nome da defesa do código de honra, protegendo a família, ou em prol da lealdade com os amigos e protetores, e porque, também não são covardes, são homens de enfrentamento, que resolvem os conflitos na bala e ou na faca.

Encontra-se, ainda, no interior do Estado uma identificação mítica e heróica do pistoleiro, conforme exemplifico com a fala de um padre que entrevistei: “Todo mundo considera esse jagunço, esse pistoleiro, uma pessoa de bem. Dizer que é pistoleiro aqui é como dizer que é um herói”. (Entrevista realizada em 04/08/2003).

Formando tradicionalmente por uma matriz cultural fortemente cristã e sob a influência marcante do catolicismo, o sertão ainda é um território cultural com forte carga mítica, constituído representativamente sob dois grandes eixos antagônicos e imaginários que são como faces do mesmo sertão: o lado do bem, representado pelo Deus cristão, e o lado do mal, representado pelo Diabo. Essas duas representações

míticas e divergentes entre si parecem duelar na arena de cada alma sertaneja, que criam para elas simbologias, associações e iconografias.

O personagem pistoleiro, em geral, é revestido pelo imaginário popular de atributos míticos, cercado de proteções espirituais e constituído por superstições. É aquele que é inventado, sobretudo, tomando de empréstimo algumas das categorias e representações que compõem, na cultura sertaneja, a figura do Diabo. O pistoleiro é aquele que tem corpo fechado; que fez pacto com o Demônio; que tem o poder de se transformar em animais; é aquele que sabe orações fortes, enfim, o pistoleiro é aquele que o misticismo sertanejo o faz a imagem e semelhança do Diabo.

As narrativas, nesse sentido, sobre o matador de aluguel são férteis: “Pistoleiro é o diabo em figura de gente e o sertão é o inferno”, todas relacionando o o personagem pistoleiro ao Diabo. Um agricultor relatou a história de um pistoleiro que havia feito um pacto com o Demônio para ter mais perícia com sua arma de fogo: “Depois que ele invocou o Cão, ele ficou tão bom na pontaria, mas tão bom mesmo, que não precisava nem tocar no revólver para atirar, a arma obedecia ao comando dele” (anotações de campo).

O sertão, por esse viés, é o palco, por excelência, onde todas as crenças podem atuar em conjunto, onde o sagrado e o profano contracenam entre si, no mesmo palco, embora que em diferentes dramas, sempre fabulosos e míticos, principalmente míticos. O sertão dizível vai além da palavra, pois é o local onde o cruzamento da realidade e da ficção ocorre, é o lugar onde o mito abraça o real.